

## VIGIANDO A VERDADE

"A Tarde - Cultural" Salvador, 16/10/2004

O filósofo norte-americano Quine disse que "a lógica é um velho assunto e, desde 1879, tem sido um magnífico tema". (O ano faz menção à publicação da *Conceitografia* de Frege). Na verdade, a lógica é de fato um velho assunto e tem sido um magnífico tema desde o século IV a.C., desde Aristóteles. Foi o filósofo quem abriu um novo campo de pensamento e de discurso: foram ele e seus sucessores que formularam perguntas e respostas acerca da natureza da prova, da necessidade e da consequência lógica que seus predecessores sequer podiam formular. Nascida na filosofia a lógica permanece matéria filosófica. Basta lembrar que os maiores filósofos sempre estiveram atentos à lógica e aos problemas, filosóficos que ela impõe. Assim foi na Antigüidade, na Idade Média, nos tempos modernos e é hoje em dia. E assim é porque a lógica trata do pensamento e da verdade, assuntos humanos se é que os há.

Nem sempre, contudo, o convívio foi pacífico. O surgimento do neopositivismo lógico nos anos 30, anunciando mais uma vez a morte da metafísica (e sempre foi um obituário precipitado), decretou que a filosofia só seria possível como "análise lógica da linguagem". Qualquer tese ou argumento filosófico incapaz de ser expresso na notação do cálculo de predicados de primeira ordem era condenado às trevas e ao sem-sentido. Filósofos apressados ignoraram as advertências de Aristóteles contra a exatidão fora de lugar, confundindo prestidigitação técnica com rigor. Assim, por exemplo, duvidosas filosofias foram e são defendidas por lógicos trapaceiros.

Nenhum sistema, com efeito, sustenta seriamente que "é possível que p" é um teorema e, portanto, que tudo e qualquer coisa é possível; que é possível, por exemplo, que 2 mais 2 seja igual a 5. Alguns lógicos modais, no entanto, levam a sério sistemas em que "é possível que p seja possível" ou "não é necessário que p seja necessário" são teoremas para qualquer interpretação arbitrária de "p". E mais, alguns desses mesmos lógicos levam muito a sério mundos possíveis. O que nós, o vulgo, chamamos de mundo real "é apenas um nas um dentre uma pluralidade de mundos e nós, que habitamos este mundo, somos apenas uns poucos dentre todos os habitantes de todos os mundos". Os que levam essas duas coisas a sério, tanto o axioma "é possível que p seja possível" quanto, a ontologia dos mundos possíveis, diriam que, para qualquer impossibilidade que nos ocorra, há um mundo possível em que ela não é impossível, mas possível; assim, há um mundo possível em que é possível que 2 mais 2 seja igual a 5.

Talvez a esses filósofos lógicos não possamos negar nem valentia nem desatino. Sob as aparências do rigor formal, isso é pura confusão e chicana. Por esse padrão, a astrologia seria rigorosa. Outro exemplo da falácia da exatidão irrelevante se encontra num livro recente sobre a teoria aristotélica da substância. O autor apresenta a formulação de homonímia nas *Categorias de Aristóteles* assim: "coisas são homônimas quando têm só um nome em comum e a definição de ser correspondente ao nome é diferente". Mas logo acrescenta: "Mais formalmente e rigorosamente: x é um homônimo de y" para algum termo F, (a) x e y são nomeados F & (b) qua F, x tem definição Dx & qua F, y tem definição Dy & Dx Dy". "Mais rigorosamente" é pura pedanteria e engodo.

**SOFISMA** - De sua parte, a filosofia nem sempre anda inocente. Descartes já nos advertira que não há contra-senso concebível que não tenha sido garbosamente defendido por algum filósofo (embora, é claro, a insensatez não seja monopólio dos filósofos). Reagindo aos excessos de alguns lógicos, alguns filósofos decidiram excluir o pensamento filosófico da esfera da lógica, permitindo-se toda espécie de sofisma e de perversão. Basta lembrar uma surpreendente prova da existência de

Deus que "o bom bispo" Berkeley apresenta no *Segundo Diálogo entre Hylas e Philonous*. O argumento reza assim: "... coisas sensíveis não podem existir senão numa mente ou espírito... visto que elas não dependem de meu pensamento e têm uma existência distinta de serem percebidas por mim, deve haver uma outra mente na qual elas existem (a ênfase é do próprio Berkeley) ... Eu ... imediatamente e necessariamente concluo a existência de um Deus, porque todas as coisas sensíveis devem ser percebidas por ele".

A prova é, então, desta forma: toda coisa sensível depende para a sua existência de ser percebida por alguma mente; ora, não é verdade de nenhuma mente finita que qualquer coisa sensível dependa para a sua existência de ser percebida por exatamente essa mente; portanto, toda coisa sensível depende para a sua existência de ser percebida por alguma mente não-finita. O argumento é um sofisma.

Consideremos, com efeito, uma "prova" estritamente paralela. Todo jogo depende, para a sua existência efetiva, de ser jogado por alguma pessoa; ora, não é verdade de nenhuma pessoa finita que qualquer jogo dependa, para a sua existência efetiva, de ser jogado por exatamente aquela pessoa; portanto, todo jogo depende, para a sua existência efetiva, de ser jogado por alguma pessoa não-finita.

Essa é a falácia da menina-e-do-menino, assim batizada pelo filósofo inglês Peter Geach. ("Se todo menino ama uma menina, então há uma menina que todo menino ama"). Um módico de teoria da quantificação nos salva desse pecado filosoficamente mortal. Nem mesmo Spinoza, aliás, é sempre inocente de confusão lógica. No escólio da proposição XVII da primeira parte da *Ética*, ele escreve que "nada pode ser inventado de mais absurdo ou de mais contrário à onipotência divina" do que negar que "ele possa fazer tudo a que se estende seu poder".

A frase é ambígua, pois dizer que Deus pode fazer tudo o que Deus pode fazer é uma afirmação confusa. Na acepção inócua, ela é uma tautologia e não diz nada. Por outro lado, todavia, ela pode significar que coisas que Deus pode fazer isoladamente (Deus pode fazer que Adão seja casado ou fazer que Adão seja solteiro) ele também pode fazê-las conjuntamente (Deus pode fazer que Adão seja casado e fazer que Adão seja solteiro), o que é absurdo. É óbvio que esses possíveis separados não são possíveis conjuntamente (isto é, impossíveis).

Se esses dois grandes filósofos, que sempre respeitaram a lógica, mesmo assim parecem ter falhado (mas provavelmente apenas em aparência), desconfiemos, então, daqueles impudentes que a recusam ou dela fazem pouco caso: é fraude certa. É como o comerciante que esconde sua contabilidade do auditor fiscal; se é honesto tem todo interesse em ver seus livros escrutinados quanto à exatidão das contes.

É do melhor augúrio, portanto, que este XI *Encontro Nacional* da ANPOF- que tanto promete- nos diga alguma coisa sobre a história da lógica, esse grandioso tema humano que, como todo humano é filho do tempo. Esse filho do tempo não nos ensina nem a pensar nem a filosofar, mas sempre pode nos mostrar, quando, como e por que estamos pensando corretamente. A primeira frase da *Metafísica* de Aristóteles diz que "todos os homens por natureza desejam conhecer", isto é, ter acesso à verdade. Frege diz que a lógica é "a ciência do ser verdadeiro", isto é, ela nos permite reconhecer se alguns instrumentos são legítimos para atingir a verdade. A verdade, como sabemos, é estrita e seletiva: da verdade segue-se logicamente somente a verdade. A falsidade, ao contrário, é velhacamente promíscua: logicamente, ela gera tanto falsidades quanto verdades, é mãe da confusão e da treva. É um preço lógico, filosófico da verdade a permanente vigilância.